Ensaio

Texto de autor convidado. Recebido em: 14 jun. 2021. Aprovado em: 31 jul. 2021.

MELO NETO, José Francisco de. Paulo Freire – pensador da denúncia e da enunciação. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 67-94, jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.251432

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Paulo Freire – pensador da denúncia e da enunciação

Paulo Freire – denunciation and enunciation thinker

José Francisco de Melo Neto

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Doutor em Educação

E-mail: melonetojf@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4436-6357>

Resumo

Neste texto, evidenciam-se argumentos filosóficos, sociológicos e pedagógicos em obras de Paulo Freire, com destaque às pedagogias, por meio de um exercício de compreensão em três momentos: o primeiro, uma síntese de pensadores que contribuíram ao seu pensamento; o segundo, uma análise constando de formulações freireanas próprias; e o terceiro expressa uma nova síntese das anteriores que reafirma o seu pensar direcionado ao agir. Expõe-se a sua crítica à educação dominante na sociedade e a denúncia como uma educação opressora. Além disso, apresenta-se a sua visão educativa para além dessa crítica – uma pedagogia que suplante a opressão, caracterizando Freire como um pensador da denúncia e da enunciação.

Palavras-chave: Opressão. Denúncia. Enunciação. Liberdade.

Abstract

In this text, philosophical, sociological and pedagogical arguments in Paulo Freire's works are evidenced, with emphasis on his pedagogies, through a comprehension exercise composed of three moments: the first one, a synthesis of thinkers who contributed to his thought; the second one, an analysis consisting of Freire's own formulations; and the third one expresses a new synthesis of the previous ones that reaffirms

his action-oriented thinking . His criticism of the dominant education in society, and his denunciation of it as an oppressive education, is presented. Moreover, his educational vision, that goes beyond this criticism, is presented – a pedagogy that supplants oppression, characterizing Freire as a denunciation and enunciation thinker.

Keywords: Oppression. Denunciation. Enunciation. Freedom.

O pensamento

O pensamento de Paulo Freire se construiu a partir da influência de vários pensadores, dentre os quais podem ser mencionados Jacques Maritain, Georges Bernanos e Alceu Amoroso Lima, que lhe asseguraram uma certa perspectiva fenomenológica de pensar sem cair numa construção filosófica em que a verdade esteja fora da experiência humana, seja religiosa, estética ou jurídica. É por todos aceito que conhecia as obras de Ortega y Gasset, e Gabriel Marcel. Estes deixaram marcas na sua visão existencial de um ser que não se fecha no si mesmo, mas que carrega a si e as suas circunstâncias. Esse existencialismo se amplia para não mais ser do em si para si, um ser pragmático; contudo, um ser que se envolve com o outro e com as tensões ao seu redor.

Ainda apareceram influências de sociólogos como Karl Mannheim e Zevedei Barbu, que contribuíram com o seu pensar sobre o mundo, a realidade e a experiência com marcas claras e presentes na análise sobre o país a partir da obra *Educação e a atualidade brasileira* (FREIRE, 2012). Respirou as influências de Carlos e Paulo Maciel, de Peter Drucker e de Auguste de Saint-Hilaire, sem falar no Pe. Manuel da Nóbrega, que o fez lembrar, em suas atividades, da importância das *gentes* e dos costumes dos nativos. Esses autores o conduziram

a pensar a partir do Nordeste do país e, especificamente em Recife, dos moradores de mocambos, quando Freire já abandonara a vida de advogado; debruçara-se sobre as ondas nada límpidas de uma pedagogia a partir do mundo das coisas – o ensino e a aprendizagem dos que participaram da educação do Serviço Social da Indústria (Sesi), onde atuou no início de suas atividades laborais até a cidade de Angicos¹.

Estão presentes em suas obras influências de sociólogos ou filósofos como Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, muito próximos de seu estilo teórico de ver o país, e foi em particular a visão pedagógica dos dois últimos que trouxe, ao processo educativo, o estudante como o centro da educação, além de uma pedagogia firmada em conhecimentos objetivos e científicos. Essa exigência conduziu-o ao encontro do grupo de intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb)², organizado para pensar a respeito do desenvolvimento do país. Esses autores preencheram sua visão de cultura que a põe na marca da produção do viver humano, como em Álvaro Vieira Pinto, um pensador crítico e marxista. Também o influenciaram marcadamente Guerreiro Ramos, Roland Corbisier e expoentes do pensamento nacional e estrangeiros, tais como Hopkins, Mantovani, Tocqueville, Florestan Fernandes, Oliveira Viana, Duverger e Dewey, apenas para indicar alguns nomes.

1. Cidade situada no Estado do Rio Grande do Norte.

2. Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), que aglutinara pensadores para estudar o desenvolvimento do país, com duração de 1955 ao início da Ditadura Militar, em 1964.

Esses autores colaboraram na edificação do pensamento de Freire, que sempre combinou o pensar e o fazer educativo como expressão praxeológica tida como sendo a tarefa de pensar e agir para um novo pensar, expondo a reflexão com a finalidade de recriar, recriar para se reinventar, além de uma escrita a partir da oralidade.

Em Freire, forjou-se um caminho que articula as coisas do mundo com um pensamento original, nada prisioneiro daqueles seus influenciadores e sempre com a finalidade de superação. Essa marca o acompanhou por toda vida quando orientara estudantes e novos pensadores nas universidades onde atuou. Um caminho que se mostraria adiante como um exercício da denúncia, passando para a enunciação de algo novo. A existência como produto da realidade e distante de especulações de ideias puras e presentes em todos os demais setores da vida. Uma educação que mantém distância de boa parte da tradição histórica, escolar, idealista e brasileira. Todavia, como veio se manifestando o pensamento de Paulo Freire?

Em Freire, forjou-se um caminho
que articula as coisas do mundo
com um pensamento original,
nada prisioneiro daqueles seus
influenciadores e sempre com a
finalidade de superação

A ontologia

A ontologia em Freire se associa à sua visão de mundo e ambas se inserem na perspectiva de pensadores modernos que têm a sociedade como uma grande prisão e o ser humano como o prisioneiro. A visão de mundo de que a vida é subsumida nas várias relações que impedem o avanço do humano ao próprio caminho civilizatório. Sua ontologia não postula a natureza humana como necessária e inevitável, com um destino a cumprir. Em Freire, essa natureza não traz nada apriorístico, sendo, portanto, uma construção histórica e social. A realidade surge em toda a sua obra como algo a ser superado, algo a ser mudado. As coisas pendem mais para mudanças.

Isso pode ocorrer com a inserção no mundo, só possível com a presença do ser no mundo. Em *Pedagogia da indignação*, Freire (2000) defende a necessidade da referência neste mundo das coisas, além de uma outra para o amanhã. É o ser que se orienta pela sua referência existencial, gerador também da esperança; o ser que ativa, então, essa “forma radical de estar sendo uma presença no mundo” (FREIRE, 2000, p. 52) e sabedor da dificuldade, como também da possibilidade de mudanças.

A realidade define a consciência humana quase que rendida aos seus ditames, precisando ser superada e denominada de ingênua, inicialmente. Submetida às análises de suas determinações pelas condições de existência, busca-se o caminho para outra consciência, agora em trânsito; aquela em que o sujeito inicia a percepção de seu próprio mundo e de seus limites, avançando finalmente para o patamar da crítica. O exercício da crítica é fundante no seu pensamento e sugere orientações para futuras ações. Trata-se de um

caminho que não é mecânico. A crítica se converte no método dialético de observar as coisas, em movimento, com formulações negativas e positivas, acompanhadas de ações. Um caminho permeado constantemente pelo princípio ético do diálogo.

O exercício da crítica é fundante
no seu pensamento e sugere
orientações para futuras ações.
Trata-se de um caminho que não é
mecânico

São esforços de superação da ingenuidade que conduzem para a ação cultural superadora em termos de sociedade, úteis à construção do ser. É na *Pedagogia da autonomia*, então, que Freire (1996) procura pelos melhores campos e melhores pastagens às ações políticas humanas, denunciando que o ser humano não é feito para a permanência. Além disso, Freire (1996, p. 40) remete-o para uma dimensão ética universal que o vê com “vocação para o ser mais”, além de expor o fato de que a sua natureza é social e, sobretudo, histórica. Nessa construção, há uma pedagogia que se baseia na compreensão de que o ato de ensinar não se traduz simplesmente por transferência de conhecimentos. A denúncia faz valer que esse ato e sua intencionalidade se realizam em alguma coisa e são especificidades humanas. Como enunciação, a sua pedagogia faz perceber que há a necessidade de se contar também com os saberes dos educandos, valorizando-os.

Acompanhando essas dimensões, começam a aparecer outros elementos, como a humildade no jeito de fazer. Reconhece-se a sabedoria dos que não tiveram oportunidades de estudos

formais e a necessidade da empatia nas relações entre educador e educando, além da amorosidade e da esperança, sem as quais não acontecerá uma nova educação. Esse é, portanto, um método antropológico através do qual o ser humano se constrói pelas relações presentes no ensino e aprendizagem, estando voltado para a liberdade e a justiça.

Reconhece-se a sabedoria dos
que não tiveram oportunidades de
estudos formais e a necessidade
da empatia nas relações entre
educador e educando, além da
amorosidade e da esperança, sem
as quais não acontecerá uma nova
educação

A realidade primeira

Há, de certa forma, insistência para a compreensão do país, sendo esta uma de suas preocupações que tem origem em seus primeiros estudos sobre a realidade brasileira, presente também no livro *A propósito de uma administração*. Para Freire (1961), as gerações são educadas para pensar naquilo que vem de fora e até nas soluções. Esse estilo de pensar conduz à alienação das gerações e promove um pensamento que gera a acriticidade da vida, bem como a desesperança. Isso o faz formular exercícios pedagógicos norteadores do processo educativo – as palavras geradoras de sentidos naquele ambiente de aprendizagem – denominado, posteriormente, de conscientização. São palavras do mundo em

que vivem os educandos e educadores. O ser construído nesse processo de estudos de cada palavra, gerada pelo grupo que se educa, será aquele sujeito estimulado para a sua autonomia.

Freire instala seu edifício educacional enquanto se desanima para com a alfabetização tradicional, o modelo de “Eva viu a uva”, e avança para outro processo de ativação da consciência ingênua até a consciência crítica. Essa não se confunde com a vivência individual de uma pessoa, mas passa a compor a experiência coletiva do grupo que se alfabetiza.

As determinações presentes nessas experiências trouxeram um avanço importante ao seu pensamento filosófico a respeito do fenômeno educativo e, de forma singular, enfatizaram elementos que comporão os constituintes de uma educação social, aberta para as maiorias da sociedade e que se denominou, em um outro momento, educação popular. Educação que arrastará consigo novos conceitos de cultura, da própria crítica, da práxis educativa, de trabalho decorrente da intervenção humana na natureza, a liberdade, justiça, o diálogo e o compromisso político. Paulo Freire enuncia, então, uma educação popular que se iniciará a partir do ambiente concreto que toca os envoltos nessas ações primeiras. Todavia, qual é a sua denúncia em alusão à educação dominante da elite?

A educação dominante

Essa educação é expressão da classe dominante, das ideias também dominantes na sociedade. É a educação que conduz à passividade dos educandos e à não autonomia de pensamento. Uma educação repassadora de pensares de outros, oriundos de fora, e

sem o contexto de existência das maiorias das classes trabalhadoras, oprimidas, sem compromisso com as coisas que circundam as suas vidas. Educação que abarrotas as cabeças de estudantes de formulações que servem ao reforço da alienação, pois ausentes estão as suas vidas nessa aprendizagem. Além disso, é meramente intelectualizada e não promove a participação dos educandos e nem dos educadores. O processo decisório educativo está em outras mãos, normalmente de fora da educação. Contém uma pedagogia para a opressão, explicitada por Freire (1987) em *Pedagogia do oprimido*, que só colabora para a formação da “cultura do silêncio” (FREIRE, 1987, p. 26).

Nessa educação, a responsabilidade pela vida é algo sempre dos outros e nunca exercita um *ter* que seja também *de compromissos*. O educando apreende o mundo para a continuidade. A reflexão sobre o poder não existe, pois ela ocorre sempre do outro lado do mundo do educando, aprendendo a não ter poder de liberdade de escolha. Não oferece, portanto, um desenvolvimento histórico ao estudante e o seu viver fica limitado à vida vegetativa.

O trabalho educativo se torna, então, um exercício técnico, a exemplo da alfabetização com ênfase única em conteúdos que, em sua maioria, são alienantes. O estudante é um estranho naquele ambiente educativo. A realidade se despe de suas próprias cores e tudo se torna algo *para o humano* e *sobre o humano*. Trata-se de uma educação pela opressão e para a manutenção de seu domínio.

Nesse contexto educacional, o educador é o que sabe e aquele que educa, pois ele é o centro do processo pedagógico de ensino e aprendizagem. Além disso, só ele pensa e só ele é quem diz a palavra. E é dizendo a palavra que ele educa, apenas com a sua palavra, e se assume como o promotor da prática do silêncio, sendo o único

sujeito desse processo. Isso foi denominado de *educação bancária*, que, à moda de um banco, deposita-se um quantitativo monetário numa conta e, posteriormente, lhe é devolvido como se nada houvesse ocorrido. No caso da educação, isso ocorre especialmente pelas técnicas de avaliação.

Essa é a mais radical crítica à educação das elites e, diante disso, Freire enuncia a superação desse modelo educacional. Para ele, isso se torna possível com uma práxis que contenha a visão do mundo em movimento. Todavia, quais são as características desse novo processo e suas possibilidades?

A educação enunciada

Muito além da existência de uma educação que seja individual, Freire expõe uma educação que cobra, necessariamente, o envolvimento de todos no momento em que ela se realiza e é inserida nas relações sociais em curso. A educação é, agora, o eu e o tu, ladeados em suas circunstâncias. Cobra a consciência do mundo cotidiano. É um trabalho em que a presença do educando e do educador são imprescindíveis. Um trabalho sempre *com o outro*, além de também ser *para o outro*, sendo assim *para ambos*. Educação em que educando e educador se educam.

A educação é, agora, o eu e o tu,
ladeados em suas circunstâncias.
Cobra a consciência do mundo
cotidiano. É um trabalho em que
a presença do educando e do
educador são imprescindíveis

Uma prática educativa incentivadora da participação das pessoas para o exercício da colaboração e para a tomada de decisões. Para isso, essa prática não pode ser silenciadora do aluno, mas agente de sua atuação, gerando a responsabilidade social e política. É um exercício para a indignação contra todo tipo de ações humanas que conduzam à opressão, contendo sólida formação técnica e incitando responsabilidades. O saber é algo de conhecimento do todo e não apenas de uma pequena parte. Conhecimento que é gerado na perspectiva dialética da mudança, pois o que há é um mundo heraclítico, em movimento.

A discussão sobre o poder é pauta dessa educação. O poder como expressão da liberdade de escolha da pessoa para a definição de suas próprias vidas, superando a mera vida biológica. Assim Freire (1958) entende desde o relatório apresentado em *A educação de adultos e as populações marginais*: o problema dos mocambos³. Ele enuncia a indispensável consciência do processo de desenvolvimento por parte do povo que precisará assumir a sua própria ideologia e vê que o povo não pode ser reduzido ao patamar da alfabetização e muito menos a um conjunto de técnicas ou um método.

O seu anúncio em *Educação como prática da liberdade* destaca a importância do ato da fala como algo necessário à prática educativa (FREIRE, 1967). A educação freireana aspira uma sociedade que transita para o exercício da crítica. É um fazer dialético orientado pela prática e reflexão sobre o algo, suscitando conscientização.

3. Relatório de autoria de Freire, da Comissão Regional de Pernambuco, apresentado no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em julho de 1958, na cidade do Rio de Janeiro.

Um caminho que conduz da sociedade fechada para uma sociedade democrática. Freire elege, então, nesse momento, a necessidade do diálogo como fundante a esse processo, mantendo-se na tradição pedagógica grega dialógica. Contempla-o como um valor ético que se caracteriza como algo da existência humana, pois, para ele, o diálogo é parte dessa existência e um exercício para a existência de educador. Não é uma conversa solta no ar, mas uma atitude que considera a veracidade, a sinceridade daquilo que se diz nesse ato de fala para a inserção do povo na vida nacional, sempre tido como grupo fora dessa vida. Essa inserção se faz urgente, pois, para ele, não pode haver humano vazio, sem o seu em si mesmo. A educação é sempre nas sociedades humanas, não havendo homens e mulheres fora delas.

A educação freireana aspira uma sociedade que transita para o exercício da crítica. É um fazer dialético orientado pela prática e reflexão sobre o algo, suscitando conscientização

A presença tem sua importância, pois possibilita ao humano o caminho de sua própria transcendência que vai além de sua natureza física. Ergue-se à dimensão de espiritualidade e de infinitude e alcança as dimensões não mais da indigência, porém do amor que também liberta. Da sociedade inexperiente de sua época, aqui no Brasil, para um caminho que conduza à vida democrática. Um exercício de democracia como expressão crítica de superação da materialidade da vida.

É a descoberta da existência de se estar no mundo e com o mundo, como algo para além de toda a existência de dominados, de uma sociedade dominada. Enuncia essa superação com *Ação cultural para a liberdade* e destaca que esse domínio se dá pelo trabalho, pela cultura, pela história e pelo confronto de valores definidos por uma dialeticidade entre determinações da vida material e orgânica e a liberdade (FREIRE, 1981). Um movimento para a inquietude dos educadores que, em geral, são movidos “apenas por sentimentos humanitários, sem uma opção política clara” (FREIRE, 1981, p. 59). Aos educadores, surgem surpresas com alunos seus que chegaram ao nível da crítica, pois esses, mesmo dominando os códigos da leitura e interpretação, foram mantidos analfabetos politicamente.

É a descoberta da existência de se
estar no mundo e com o mundo,
como algo para além de toda a
existência de dominados, de uma
sociedade dominada

Enquanto faz ver a inexperiência democrática da sociedade brasileira, enuncia uma ação cultural que a caracteriza como uma revolução a ser realizada pela cultura. Alerta os demais agentes, as lideranças dessa revolução, que precisam conhecer esse mundo para essa ação cultural. Mostra que se carece de projeto e que só se viabilizará pela práxis e nunca de maneira isolada, algo de apenas um indivíduo. Além disso, é preciso a confiança nas massas populares, em comunhão com elas, sem qualquer disposição de se amaciarem os seus desejos enquanto coletividade.

A corporificação das palavras nessas ações educativas pede exemplos do viver dos próprios educadores e ações permeadas de dimensões estéticas e éticas. Ações intelectivas que assegurem efetivo rigor metodológico. Para Freire (2000, p. 17), dessa forma, ocorre uma educação em que “o mundo não é. O mundo está sendo”.

Ainda em *Pedagogia da indignação*, Freire (2000) vai falar de um direito e um dever de se mudar o mundo, e faz também os seus anúncios de esperança, de utopias e de sonhos.

No entanto, é em *Medo e ousadia* que Freire (1986) realça a possibilidade de um educador se transformar num libertador e explica como ocorre essa relação da educação e da mudança. Ele, então, sugere o método permeado do diálogo para o ensino e uma pedagogia que seja um vetor para o empoderamento das pessoas e dos grupos. Sem deixar de enunciar o sonho da transformação social e para isso a importância da leitura, pois, para Freire (1986, p. 15), “ler não é só caminhar sobre as palavras, também é não voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo”.

Porém, o desânimo e a desesperança estão sempre a rondar os presentes nesses processos como pares dialéticos dessas ações. Aí, Freire se coloca como sistemático combatente contra a desesperança muito comum nas atividades profissionais desses educadores. Ele faz ver a esperança como uma necessidade ontológica que precisa estar ancorada na prática. É pela prática que se ressalta a concretude histórica do processo. A esperança, inclusive, pode lançar-se num trágico desespero de sua não efetivação, se não bem entendida, levando ao total imobilismo. Por sua vez, é na *Pedagogia da esperança* que Freire (1992, p. 6, grifo do autor) afirma: “nas situações-limites, mais além dos quais se acha o *inérito viável*, às

vezes perceptível, às vezes não, se encontram razões de ser para ambas as precisões: a esperançosa e a não esperançosa”. Então, a tarefa política do educador é desvelar saídas possíveis para a esperança, despossuídas de individualismos sem qualquer tipo de ação destrutiva e sem um corpo a corpo cheio de vingança.

A educação em Freire se espraia por todas as dimensões da vida, na própria gestão da vida, que é tida também como autoritária. Segundo ele, no livro *A propósito de uma administração*, a formação histórica brasileira legou essa posição alienada que, em geral, deixa-se de olhar para os países vizinhos, mantendo-se presa só ao pensamento do Velho Mundo de tal maneira a acarretar certa descrença nas pessoas e em si mesmo (FREIRE, 1961).

Ora, se a educação dominante na sociedade é autoritária, dificilmente a gestão da vida não será, e enuncia, então, a importância da democracia e ações populares. A vida sendo permeada de exercícios democráticos em toda a sua completude. Todavia, como isto ocorre?

Metodologia (pedagogia)

A metodologia e a pedagogia, aqui, se confundem. Os caminhos pedagógicos e as visões gerais de se fazer educação, com os seus recursos teóricos e práticos, formam o pensar e o agir. Para isto, Freire nunca se propôs sugerir fórmulas. Todavia, esse movimento que se inicia por abstrações, considerando que sempre se chega ao fenômeno com toda a carga teórica disponível. Assim, defrontam-se todos diante de suas realidades, alfabetizando e animadores, nas práticas de alfabetização de adultos. Contudo, há uma antecendência desse mundo real que espera o crivo das

análises teóricas, portanto um movimento que vai das abstrações ao real com anterioridade do real.

Após esse momento, continuam os estudos por meio das categorias analíticas desse posto. São movimentos teóricos que acontecem no campo da abstração e não é algo solitário, mesmo que seja teórico. É um exercício do em si para o si dos demais envolvidos no processo.

Ao atingir esse momento, pode-se retornar ao mundo real, porém cheio dos conhecimentos. São produtos da reflexão coletiva originária das realidades desses alunos até partir do real de cada um aos mundos de sentidos de todos e constituir o concreto ou a realidade pensada. Esse é o momento de nomeação das palavras geradoras que formarão a base de todo o processo de alfabetização. E esse real diz respeito às coisas, à fome, ao desemprego, às poças de lama, à falta de água, às plantações, às muriçocas, à vida econômica e à política municipal, em um ambiente denominado *círculo de cultura*.

Isso mostra uma retomada paciente do percurso que tem origem no plano local e vai aos planos mais exteriores, mais reflexivos, para se chegar aos mais *altos* patamares da abstração e da ação para o lugar. Tudo expressando dados que não traduzem apenas discussões, mesmo que estas ocorram efetivamente. Importante e necessário, nessa relação do algo para a reflexão, é o exercitar do pensamento para o retorno ao real, de forma nada bacharelesca, pois essa sim expressa uma verticalidade pedagógica. São percursos de denúncias do real, passando por abstrações até a enunciação de novas ações: um trabalho do pensar coletivo.

Pedagogia que se desenvolveu, em especial, nos processos de alfabetização, instituindo-se como Método Paulo Freire, mas que

avança para os demais níveis do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da universidade. A democracia, acompanhando os exercícios pedagógicos nas aulas do alfabetizando aos demais níveis da educação, atinge até os cursos de pós-graduação. A prática democrática não se resume apenas em específicos lugares, mas em suas distintas formas de se apresentar.

A prática democrática não se resume apenas em específicos lugares, mas em suas distintas formas de se apresentar

Universidade

Nas universidades, ambiente construído para a elite, também há carência do exercício democrático em suas relações internas. Freire (1983), então, vislumbrou a existência da universidade popular, por mais que os tempos atuais não têm possibilitado esse exercício. Pode aparecer, entretanto, na visão da extensão universitária, que é tida sobretudo como exercício de comunicação, em *Extensão ou comunicação*. Em sua experiência de extensão rural, o autor explicita que conhecer não é ato de transformar o outro em objeto (FREIRE, 1983).

Há práticas na extensão universitária que expressam uma invasão cultural nas comunidades onde se realizam tais projetos. A universidade conduz o seu conhecimento diretamente para o outro, numa relação de cima para baixo. O caminho freireano é de algo que se conduz *com* o outro, uma *Ação cultural para a liberdade*, com a perspectiva de exercícios relacionais populares (FREIRE, 1981).

A pesquisa pode ser originada desses projetos ou mesmo de reflexões sobre o ensino, atendendo à possibilidade da interdisciplinaridade do ensino com a pesquisa e a própria extensão. Pode, também, haver ênfase para a utilização das metodologias participativas voltadas à produção do conhecimento.

Ainda na pesquisa, planejam-se superar as práticas metodológicas positivistas para metodologias de pesquisa que tenham origem nas realidades das pessoas, em seus problemas, ao encontro de soluções de maneira participativa. Ou seja, uma dialética atinente às outras ações, novas reflexões e novas ações. Tem-se, dessa maneira, a percepção antropológica de um *eu*, um ser conservador, que afasta-se deste ser para aproximar-se de um *eu de mudança* e, com o outro, compor uma atitude de dialogicidade.

A política

Mantida essa perspectiva, a política em Freire também não se limita ao campo partidário das trocas de favorecimentos ou da ingenuidade, mas evolui para caminhos de formulações de ações e de planejamento das vidas das pessoas para patamares superiores de consciência. É a clareza do domínio das elites, dos pensamentos das elites e de suas formulações para o controle das massas populares. Exercícios de superação que ultrapassem as dimensões da conservação, da opressão, do sofrimento e de valores preconceituosos, além de uma ética da individualidade para as perspectivas de transformação da vida. Todavia, hoje, o que poderia enunciar Paulo Freire ante o cotidiano vivido, do ponto de vista teórico e prático, em tempos de pandemia e das diversas tecnologias da informação e comunicação que adentraram as escolas?

A política em Freire também não
se limita ao campo partidário
das trocas de favorecimentos ou
da ingenuidade, mas evolui para
caminhos de formulações de ações
e de planejamento das vidas das
pessoas para patamares superiores
de consciência

O cotidiano

O pensador Paulo Freire, nestes tempos de variadas plataformas eletrônicas e mídias sociais franqueadas ao uso do processo relacional de ensino e aprendizagem, parece enunciar aos que atuam no campo educacional que novos tempos estão a erigir conhecimentos dessas ferramentas de comunicação aplicadas à educação. São aquelas aulas em que o aluno não está mais na sala de quatro paredes. As aulas estão ocorrendo de maneira remota, aulas síncronas ou assíncronas, híbridas (parte *on-line* e parte presencial), utilizando Classroom, Moodle e ferramentas de cada instituição. O cenário, então, é composto por esses e outros recursos tecnológicos que cobram habilidades docentes para o seu domínio. Cabe, a partir disso, o acréscimo de novos elementos básicos ao trabalho de ensinar e aprender, também na educação popular, pois os tempos são outros, mas o diálogo, independentemente das tecnologias em uso, pode ser mantido.

Do ponto de vista teórico, ele sempre orientava, em seus exercícios de pesquisador, a necessária superação de suas próprias formulações com destaque às experiências de cada grupo. Na sua

visão, a experiência é entendida como prática educativa que motive a conscientização. Contudo, não é uma experiência de si próprio, entendimento presente em toda a tradição filosófica do conceito. Pode-se, portanto, avançar para uma compreensão através da qual se supere a dimensão recuperadora constante nesse conceito, ultrapasse suas possíveis dimensões populistas e, ainda, reforce a dimensão política e ideológica.

Mesmo com as distintas visões na tradição filosófica moderna e em pensadores da educação popular, a experiência pode assumir outros indicadores específicos, mantendo-se as lutas das classes oprimidas e das classes trabalhadoras, enquanto alimenta o horizonte da liberdade e atendimento às necessidades. Assim, ela não é algo a ser controlado em um laboratório ou submetido às análises quantitativas empiristas, simplesmente.

A experiência como expressão coletiva contempla a inteligência da pessoa e o seu conhecimento. Não é algo em condição de ser replicável e muito menos próximo das formulações idealistas que mantêm a experiência no patamar da consciência, desviando a necessária ação. A experiência pode adquirir dimensões que se expressam sinteticamente no indivíduo, mas que não findam nele mesmo.

O horizonte da mudança faz a experiência ir além dessas visões e vislumbrar o real como um ente que precisa ser submetido à inteligência. Este *algo* só adquire sentido à medida em que se descortinam as suas determinações, somando-se a ele elementos da intuição e da subjetividade de cada participante do processo educativo.

Acompanham-se as análises teóricas nos “círculos de cultura” que é o momento de análise do todo de sentido dos indivíduos presentes. Sem essa análise histórica, o mundo não passaria de

fenômenos completos, em si mesmos, sem a necessidade da intelecção humana. É nesse momento que se supera a dimensão da individualidade e se assume a condição da reflexão coletiva.

Do mesmo modo, a experiência, para os tempos de agora, não pode ser mera contemplação de cada individualidade. Ela calha, ainda, como um convite às mudanças definidas neste terceiro e último momento dela mesma. O real se posta, agora, permeado dos conhecimentos que são frutos dessas análises. Assim, a experiência se enuncia com a sua importância tanto para o avanço do pensamento filosófico como a todo fenômeno educativo, acendendo chances para novas reflexões de constituintes desse campo de estudos.

Universalidade

Os tempos atuais parecem pedir dimensão de universalidade de constituintes educativos para a educação popular. Elementos universais para a educação, enquanto sistema aberto, são sugeridos ao se definirem como centrais, a exemplo de valores já expostos e que detêm importância universal.

A cultura, como componente fundante para uma experiência da pedagogia freireana e tida como aquilo que mais expressa a práxis educativa, é elemento possível de dimensão de universalidade, diante de que o marco da produção, a sua origem, também é universal. A crítica como ferramenta do pensar que transcende o indivíduo, passando pelo coletivo, pode alcançar dimensões gerais de qualquer processo educativo. Seus vários constituintes são elementos de um movimento dialético que pode apresentar momentos dessa relação entre universais e particulares, além de seus momentos de

diferenciação. Constituintes que fazem aproximação ontológica em uma visão semântica e também nominalista. Serão esses os formadores das bases desse processo didático-pedagógico da educação popular, estabelecendo-se como entidades de nomes, de significados e de signos, sendo passíveis de universalidade.

Popular

Há enunciação para a necessidade de se repensar conceitos tidos como esclarecidos ou de compreensão pacífica, a exemplo do termo *popular*. Contudo, ao se denominar uma ação educativa como popular, não se pode confundir com a concepção de popular presente, quando se fala sobre a música popular brasileira ou o popular das campanhas eleitorais. Não será, todavia, um algo que tenha origem na base da sociedade ou que venha da experiência do povo; da tradição do povo ou que simplesmente seja um algo que se origine nas maiorias do povo. Se assim fosse, estaria no esquecimento a base ideológica que sustenta a sociedade dominante, pois essa apenas é devida à visão de mundo estabelecida pelas lentes das elites dessa sociedade. Ideologia que invade o imaginário coletivo das maiorias. Do mesmo modo, o *popular* que vier como aquilo que expresse origens nas instituições sindicais, nas associações de moradores, nas associações ambientalistas... e nos movimentos sociais. Todos também estão permeados das marcas ideológicas da opressão e podem apresentar equívocos.

Popular pode ser aceito ao se enunciar como algo que expresse um cristalino posicionamento político e ideológico e que arraste consigo dimensões propositivas que se expressem pelas ações das maiorias. Popular que manifeste muito mais uma metodologia ao

trazer consigo procedimentos que incentivem a participação das pessoas em suas lutas por cidadania. Esses caminhos políticos e metodológicos parecem animar muito mais para uma percepção conceitual atualizada.

Como se vê, popular adquire certa plasticidade conceitual e enuncia-se a exigência tida por movimentos intrínsecos ao próprio conceito. Há movimentos históricos que estão se mantendo, mas que se abrem às outras perspectivas dos tempos presentes. Popular passa por uma dialeticidade que se relaciona, ainda, às dimensões constitutivas do mesmo, como a sua origem e o direcionamento das questões surgentes; apresenta e também manifesta o elemento político norteador das ações; além do mais, exprime-se como metodologia, com os seus aspectos éticos e utópicos, exigência para os momentos de hoje.

Extensão popular

O desafio que se apresenta é fazer extensão em projetos de instituições que se utilizam das práticas extensionistas nada democráticas. Essas instituições se colocam como detentoras de toda sabedoria, desejosas de um fazer para as comunidades carentes, permeadas de posições autoritárias, desprovidas da possibilidade de prática coletiva e pintadas de dimensão popular. Além disso, visões há que conduzem a universidade, por exemplo, por meio de suas intervenções, a querer ocupar o papel político do Estado, sobretudo em suas ações de assistência. Dessas práticas não poderá haver algo novo.

Do conceito de popular pode-se extrair a concepção de uma visão de extensão que seja provocadora de maior inserção das

pessoas envolvidas nesses projetos, passando a atuar desde a definição da questão geral a ser explorada e durante a sua realização. Essa é mais uma possibilidade que transcende os projetos de extensão universitária, em sua maioria, incentivadores não da liberdade, mas do assistencialismo.

Então, pode-se vislumbrar a extensão universitária como um trabalho social e útil que arraste consigo uma intencionalidade de provocar a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, voltada aos desejos necessários de mudanças, acompanhando um ensino que esteja baseado nos termos da educação popular freireana. Será que assim não se torna mais reveladora uma nova formulação de extensão popular?

Do conceito de popular pode-se
extrair a concepção de uma visão
de extensão que seja provocadora
de maior inserção das pessoas
envolvidas nesses projetos,
passando a atuar desde a definição
da questão geral a ser explorada e
durante a sua realização

Educação popular

Mesmo a educação popular, a partir das anteriores definições de elementos que a constituem, conforme o próprio Freire, enuncia-se com novas e necessárias dimensões. A educação popular destes tempos é um fenômeno de ensino e aprendizagem pela produção e apropriação dos produtos culturais, resultantes do trabalho humano. Educação popular que traduz expressamente um sistema aberto de ensino e de aprendizagem formulado por uma teoria do conhecimento, referenciada na realidade. Trata-se, portanto, de uma prática que requer metodologias ou pedagogias que incentivem a participação e o empoderamento das pessoas, sem perder a dimensão coletiva. Seus conteúdos e técnicas carecerão de uma avaliação processual. Educação permeada por uma base política, voltada às transformações sociais, orientando-se por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade – sem esquecer-se da felicidade.

Tudo isso sem perder jamais a sua capacidade de indignação com questões não mais aceitáveis entre os humanos, mantendo-se a tolerância, pois sem ela a vida no mundo poderá ficar bem mais difícil. Na *Pedagogia dos sonhos possíveis* vislumbrada por Freire (2014), somam-se o acolhimento e o afeto como reforços aos valores já expostos.

Enfim...

Evidências na obra de Freire, apresentados sobretudo elementos em seus livros como pedagogias, fazem ver em todos os momentos a força de sua denúncia, pondo por terra a educação das clas-

ses dominantes, a educação da opressão. Vislumbra-se, portanto, uma nova educação, uma educação para a classe trabalhadora, para todos os que se sentem ou se sentirão oprimidos. Enuncia-se, assim, novos caminhos de busca pela liberdade, tão necessária para os tempos de agora.

Vislumbra-se, portanto, uma nova
educação, uma educação para a
classe trabalhadora, para todos
os que se sentem ou se sentirão
oprimidos. Enuncia-se, assim, novos
caminhos de busca pela liberdade,
tão necessária para os tempos de
agora

Também expôs-se alguns aspectos para a atualidade do pensar de Paulo Freire, sempre aberto aos novos tempos. Aberto, inclusive, de tal maneira que tudo isso estabeleceu uma educação muito além da opressão; uma educação que se institui nas experiências coletivas dos trabalhadores.

Paulo Freire, um pensador da denúncia e da enunciação.

Referências

- FREIRE, Paulo. A educação dos adultos e as populações marginais. O problema dos mocambos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 30, n. 71, p. 81-93, jul./set. 1958.
- FREIRE, Paulo. *A propósito de uma administração*. Recife: Imprensa Universitária, 1961.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia (o cotidiano do professor)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organizado por Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.